

TROCA DE PRINCESAS  
NO CAIA



*Elvas, 18 de Janeiro de 1729.*

Já em cartas anteriores contei o que foi a feliz jornada de Suas Majestades e Altezas, de Lisboa até Évora, por Aldeia-Galega, Pêgões, Vendas Novas e Montemór-o-Novo. Hoje venho dar notícia do que se passou desde aquela cidade à de Elvas e dos preparativos que aqui se fazem para o encontro dos Soberanos de Portugal e Castela, que se realizará amanhã, no Caia.

Eram 4 da manhã de sexta-feira, 14 do corrente, quando El-Rei, acompanhado do Sereníssimo Príncipe do Brasil, do Senhor Infante D. António e da sua comitiva, partiu de Évora em direcção a Vila Viçosa. Ouvia missa no Convento de Nossa Senhora do Espinheiro, que dista meia légua da mesma cidade, e depois seguiu para Redondo, onde era espe-

rado pelo Senado da vila, cujas ruas estavam vistosamente engalanadas.

Pelas 4 da tarde chegou o cortejo real ao palácio da Sereníssima Casa de Bragança, onde El-Rei era aguardado por muitos fidalgos e mais senhores. Dirigiu-se logo para a capela, onde se cantou o *Te Deum*, e, dali, passou à igreja matriz, que é das Ordens Militares, e primeiro templo que existiu da invocação da Imaculada Conceição de Nossa Senhora.

No dia seguinte saiu Sua Majestade a pé, pela porta que chamam do Nó, a visitar a igreja do Convento dos Agostinhos, onde estão sepultados os Ser.<sup>mos</sup> Duques de Bragança, acompanhado dos Senhores Infantes D. Francisco e D. António, do Duque de Cadaval, seu estribeiro-mor, e do Marquês de Alegrete, gentil-homem da sua Câmara. Acompanhei-os de perto. Quando chegou à capela onde estão as sepulturas de seus Maiores, começou El-Rei a deitar água benta sôbre a do último Duque, D. Teodósio II, dizendo com voz clara que bem pude entender, que «começava por aquêlê que lhe era mais próximo».

As 10 horas da noite chegaram Sua Majestade a Rainha e a Senhora Princesa D. Maria Bárbara, com suas damas e demais comitiva, debaixo duma chuva de neve que era muito para recear as molestasse em suas preciosas saúdes. Esperavam-nas dois batalhões de infantaria e dois regimentos de cavalaria, que as saüdaram com salvas e a continência militar, e desceram a recebê-las à porta do palácio o Príncipe D. José, os Infantes D. Francisco e D. António, o Marquês de Capecelatro, embaixador de Espanha, e o Em.<sup>mo</sup> Cardial da Cunha, Inquisidor Geral.

Domingo, às 6 da manhã, foram Suas Majestades e Altezas ouvir missa à igreja da Conceição. Entretanto, os tenentes-coronéis D. Tomaz de Aragão e Luiz Bívar dispunham a marcha do cortejo que ia seguir para Elvas da seguinte forma: uma partida de 15 cavalos, com seu allferes, 24 trombetas e atabaleiros, os cavalos de mão de El-Rei, dos Príncipes e Infantes, 12 postilhões do Gabinete, 170 carruagens da Casa Real — seges, berlindas, estufas e côches — um esquadrão da guarda, composto de 500 cavalos, e muitos nobres, comunidades de Évora e particulares que seria impossível enumerar.

Durante todo o percurso, multidão de gente dos arredores acorreu a ver aquêlê espectáculo magnífico e a implorar piedade das pessoas reais, que atendiam todos os que se lhes aproximavam com a maior bonomia. Na Atalaia dos Matos, a duas léguas de Elvas, estava o Ex.<sup>mo</sup> Marquês de Abrantes no seu paquebote puxado a seis mulas, vindo de Madrid, donde acompanhara o cortejo dos Reis Católicos. Depois eram filas ininterruptas de esquadrões de infantaria e cavalaria a fazerem a guarda de honra às Majestades até os muros da cidade.

\*

Chegaram as reais pessoas à Porta de Olivença eram 5 e um quarto da tarde. Salvou tôda a artilharia. Coincidência curiosa: ao mesmo tempo, ouviram-se as salvas da Praça de Badajoz a anunciar a chegada ali de Sua Majestade o Rei Felipe V e demais família real espanhola.

À Porta de Valença eram os Soberanos portugueses esperados pelo Senado e comunidades de Elvas.

Em seguida a beijarem o Santo Lenho, quis El-Rei ir a pé até a Catedral, mas estava tanto frio que desistiu dêsse desejo e entrou no côche com a Rainha e os Príncipes. Recebeu o Monarca das mãos do governador da Praça, D. Bernardo de Fresneda, as chaves do Império português; depois, assistiu ao *Te Deum* na Sé, onde concorreu tudo o que de mais distinto se encontrava na cidade; por fim, recolheu-se ao paço do Bispo, onde estavam preparados os alojamentos para a família real.

A noite houve mesas de Estado servidas copiosamente, às quais vieram alguns ministros e cavalheiros estrangeiros. Uma delas constava de 25 talheres e 3 cobertas de cozinha; duas com um prato grande de meio da mesa, 10 pratos de cozinha e 16 flamenguinhas, e a terceira com 7 corbelhas, 3 de doce e 4 de fruta. A mesa do Secretário de Estado compunha-se de 36 talheres, 7 pratos de cozinha, 5 de meia cozinha, 2 pratos covos, 26 flamengas e 4 flamenguinhas. Havia ainda um aparador com fonte de prata grande e seu tanque, 10 dúzias de pratos de cortar, salvas, saleiros, açucareiros, pimenteiros, mostardeiras, 2 pratos e jarros de água às mãos, 15 corbelhas de fruta e doce e um tabuleiro de prata com todo o aviamento de chá.

As luminárias, o fogo de artifício, as salvas de artilharia e outras manifestações de regozijo prolongaram-se até de madrugada.

\*

Correu voz que a troca das Princesas se efectuará ontem, 17. Sempre me pareceu isso inviável pelo

atraso em que vi os preparativos para as cerimónias.

— «É impossível que o encontro das Majestades se effectue hoje, ainda que seja tarde! — disse-me com um gesto de impaciência e a voz um tanto alterada, o Ex.<sup>mo</sup> Marquês de Cascais. — Ainda eu hei-de ir a Badajoz levar a jóia para a Sereníssima Princesa do Brasil.»

Efectivamente, o dia foi ocupado pela ida do Ex.<sup>mo</sup> Marquês de Alegrete a Badajoz, saber, da parte da família real portuguesa, como haviam chegado Suas Majestades e Altezas Católicas àquela cidade, pela vinda a Elvas de D. Francisco Gonzaga, Duque de Solferino, com recíproca incumbência, e pelas visitas do Marquês de Cascais e do Conde de Montijo, gentil-homem da Câmara do Rei Felipe V, que veio trazer a jóia à Sereníssima Princesa das Astúrias.

Mas, segundo me constou depois, surgiram graves incidentes entre as duas Coroas, porque El-Rei D. João se impacientou com o adiamento da função das entregas, que Sua Majestade tinha marcado para aquêlê dia, e o Rei de Espanha não menos exasperado ficou, porque as tropas espanholas chegaram a postar-se no caminho até o rio. Foi a muita habilidade do Marquês de Abrantes, do Ministro de Estado, Marquês de la Paz, e do nosso Secretário de Estado, Sr. Diogo de Mendonça Côrte-Real, que conseguiu apaziguar os ânimos e marcar o encontro definitivamente para amanhã.

\*

Não me conformei, porém, a passar o dia de hoje inactivo. Mandeï aparelhar a sege que tinha à minha disposição e segui para o Caia.

O Caia é, como se sabe, o rio que separa, por esta parte, a Espanha de Portugal. Sôbre êle tinha sido construído o palácio de madeira onde vai realizar-se a tocante cerimónia. Trata-se duma construção maravilhosa, pois, a-pesar-dá invernía e do grande volume de água que o rio leva, ameaçando arrasar tudo o que encontre, o palácio está erguido de forma que resiste ao temporal e à fôrça formidável da corrente.

Já o aspecto exterior é soberbo. Dizem-me que o que se construiu no Bidassoa, para a troca da actual Princesa do Brasil, então noiva de Sua Majestade Luiz XV de França, com Mademoiselle de Montpensier, hoje Rainha viúva Luíza Isabel de Espanha, era muito inferior a êste. E dizem-mo pessoas que acompanharam a Senhora Dona Mariana Vitória à fronteira francesa, em 1722. Lembrar-se-á porventura dêle Sua Alteza Real, que tinha então apenas 4 anos incompletos?

Se é soberbo o aspecto exterior do palácio, o interior é, na verdade, magnificente. Levava ordem do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Diogo de Mendonça para me deixarem entrar e por isso o pude ver. Tem o edifício 98 palmos de área. Por cima da entrada do lado de Portugal ostentam-se duas figuras alegóricas e, entre elas, as armas com as gloriosas quinas. A primeira casa em que se entra está forrada de tapeçarias excelentes e, sôbre as portas e janelas, cortinados de carmesim, com sanefas de brocado de oiro. Passa-se dalí à casa do meio, que pertence metade a Portugal, metade a Castela. Nesta sala é que se realizará a cerimónia.

A parte portuguesa está adornada como a pri-

meira sala; a parte espanhola com tiras de brocado branco e verde a saírem dum grande florão doirado colocado no teto. Ao centro, a mesa, a marcar a linha da fronteira. Do lado de cá, sete cadeiras de oiro forradas de tissu; do lado de Castela, seis de prata, visto a pragmática não permitir os doirados. Os próprios brocados que cobrem a mesa são de tecido prateado com galões e franjas de prata, da banda de lá, e de veludo carmesim bordado a oiro, do lado português. Sôbre a mesa, candelabros, e, a penderem do teto, formosíssimos lustres de cristal com inúmeras velas. Aos topos da sala, tendas, uma para os aparadores, outra para os refrescos.

Por estes singelos apontamentos farão os leitores idéia da sumptuosidade daquela construção.

Encantado com o que vira, ao cair da tarde regresssei a Elvas.